

ANÁLISE
CARTOGRÁFICA
DO DISCURSO

TEMAS EM
CONSTRUÇÃO

Conselho Editorial

Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonieta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofelia Garcia
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sweder Sousa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Wilson Leffa
Viviane Resende

Bruno Deusdará
Décio Rocha

ANÁLISE
CARTOGRÁFICA
DO DISCURSO

TEMAS EM
CONSTRUÇÃO

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Deusdará, Bruno

Análise cartográfica do discurso : temas em construção / Bruno Deusdará, Décio Rocha. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

ISBN 978-65-86089-80-6

1. Análise do discurso – Aspectos sociais 2. Cartografia
3. Linguística 4. Subjetividade I. Rocha, Décio. II. Título.

21-72996

CDD-407

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Estudo e ensino 407

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

<https://pixabay.com/pt/illustrations/mapa-do-mundo-idade-historicamente-2241469>

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

apoio institucional

FAPERJ

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

EPPUR SI MUOVE	9
<i>Fátima Pessoa, Luciana Salazar Salgado</i>	

Apresentação

ANÁLISES DO DISCURSO: DA DIVERSIDADE DE ABORDAGENS À PERSPECTIVA QUE DESEJAMOS PRATICAR	13
---	----

Capítulo 1

ANÁLISES DO DISCURSO: EXCESSOS E LIMITES DE UMA ÁREA.	21
<i>Nem tudo o que se designa como análise do discurso é análise do discurso</i>	
<i>Afinal, quem trabalha com discurso?</i>	33
<i>Análise ou teoria: uma questão polêmica</i>	46

Capítulo 2

DISCURSO, INTERDISCURSO, PRÁTICA DISCURSIVA.	51
<i>“Eu nunca tinha feito um discurso antes”: uso comum e uso técnico do termo</i>	
<i>Duas definições clássicas de discurso: as contribuições de Z. Harris e de M. Pêcheux</i>	57

<i>Pistas para aproximação ao (inter)discurso</i>	64
<i>O primado do interdiscurso</i>	70
<i>A interdiscursividade nas margens do enunciado:</i>	
<i>a contribuição de M. Foucault</i>	76
<i>Prática discursiva: um novo primado?</i>	81

Capítulo 3

A ANÁLISE DO DISCURSO

QUE DESEJAMOS PRATICAR	91
<i>Logicismo e sociologismo: dois polos e suas mesclas</i>	93
<i>Quando o periférico legitima o pretenso centro:</i>	
<i>o que também não convém como proposta de AD</i>	100
<i>Para além do logicismo e do sociologismo</i>	102
<i>O que se vem praticando em AD</i>	104
<i>“Ocupar-se de algo que diz respeito a si próprio”:</i>	
<i>o que pretendemos como prática de AD</i>	114

Capítulo 4

PRODUÇÃO DE CÓRPUS E QUADRO

TEÓRICO-METODOLÓGICO	119
<i>Instituição da AD e uma concepção</i>	
<i>monotemática de córpus</i>	122
<i>Sobre as relações entre teoria, metodologia</i>	
<i>e córpus nos primeiros anos da AD</i>	126
<i>A noção de “arquivo”</i>	130
<i>Sobre as condições de produção dos discursos</i>	134
<i>Heterogeneidade e abertura de um córpus</i>	138
<i>Materialidades produzidas pelo pesquisador:</i>	
<i>entrevista e questionário</i>	144
<i>Produzir um córpus, e não simplesmente coletá-lo</i>	151
<i>Não se pensa córpus sem uma reflexão</i>	
<i>teórico-metodológica</i>	156
<i>Fazer uma escolha teórica refletida</i>	161

Capítulo 5	
POR UMA CARTOGRAFIA DOS DISCURSOS	169
<i>O conceito de instituição: perspectiva institucionalista</i>	
<i>e deslocamentos da abordagem discursiva</i>	176
<i>Instituição, implicação e sobreimplicação.</i>	181
<i>Trabalhar com dispositivos: por um quadro</i>	
<i>teórico-metodológico menor.</i>	189
<i>Cartografia como perspectiva</i>	198
<i>Alguns princípios – conceitos devem ter vida</i>	
<i>e corpo na pesquisa e no fazer do pesquisador.</i>	207

Capítulo 6	
ENTRE A REPRESENTAÇÃO E	
A PRODUÇÃO DE MUNDO(S)	219
<i>O caminho das ciências da cognição: cognitivismo,</i>	
<i>conexionismo e a hipótese da representação</i>	221
<i>A hipótese enatista</i>	224
<i>Cotejando três momentos das teorias da cognição</i>	230
<i>A linguagem sob a ótica da enação.</i>	232
<i>Breve parêntese para um predecessor</i>	
<i>da enação: Jakob von Uexküll.</i>	233
<i>Palavras não representam um mundo</i>	
<i>pré-definido, mas o produzem</i>	236
<i>Quando o Umwelt se torna irreconhecível</i>	245

Capítulo 7	
SUJEITO, SUBJETIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO:	
TRÊS CONCEITOS (S)EM REFORMULAÇÃO	249
<i>A subjetividade naturalizada.</i>	253
<i>A subjetividade nos estudos da linguagem</i>	257
<i>Sujeito e subjetividade na AD francesa.</i>	262
<i>Da filosofia da representação à filosofia da diferença</i>	271
<i>O outro da filosofia da diferença.</i>	272
<i>Falácias em torno da alteridade</i>	274

<i>Subjetividade e subjetivação: M. Foucault</i>	
<i>e (alguns de) seus leitores</i>	281
<i>Ainda sobre subjetividade: a dobra do fora</i>	
<i>de Deleuze e outras experiências</i>	288
<i>A mescla de territórios e a força instauradora</i>	
<i>da palavra: uma leitura de V. Safatle</i>	294

Capítulo 8

O DESAFIO DA ESCRITA: CONSTRUÇÃO	
DE DISPOSITIVOS PARA ALÉM DAS	
FORÇAS QUE CONSTRANGEM.	299
<i>A escrita acadêmica e os métodos</i>	
<i>que a constangem</i>	301
<i>Discutindo autoria do trabalho acadêmico</i>	305
<i>Rituais de escrita: “como escrevo?”</i>	311
<i>Dúvidas e dificuldades na redação</i>	
<i>de um trabalho acadêmico</i>	317
<i>Pontos de vista teóricos sobre a escrita</i>	326
<i>Pistas para um método “faça comigo/conosco”</i>	
<i>nas práticas de escrita</i>	359
REFERÊNCIAS	367

EPPUR SI MUOVE

Um dos princípios assumidos pelos integrantes do Círculo de Bakhtin em seus postulados sobre o fenômeno da linguagem é o caráter responsivo/dialógico do processo de enunciação. Referenciamos esse princípio no início desta apresentação em razão do evidente caráter responsivo que a obra que temos em mãos revela. O texto de Décio Rocha e Bruno Deusdará responde aos desafios cotidianos enfrentados no exercício da docência e da pesquisa na constituição de “postos de observação das práticas de uma sociedade”. Os trajetos percorridos nas experiências acadêmicas plurais dos autores ensejaram uma revisão de posições assumidas em um campo “múltiplo, caótico e heterogêneo”, sem a pretensão de neutralizar as suas diferenças; pelo contrário, enfrentando-as, situando-se em relação a elas. Desse modo, esta obra se apresenta como uma publicação muito oportuna tanto para os que há pouco aportaram no território dos estudos do discurso, quanto para os que nele já habitam há tempos e se acostumaram à paisagem sem mais afetar-se pelos seus conflitos.

Não é raro que as dissensões, na melhor das hipóteses, sejam abrigadas em gêneros como teses e dissertações, nas quais, protegidas por interlocutores escolhidos, são enfrentadas em círculos restritos ou apaziguadas num modo de fazer pesquisa

que aparta os pesquisadores da vida vivida. Aqui, os autores propõem justamente não evitar o que sobra, o que dobra, o que atrita: a discussão sobre o objeto *discurso* se faz acompanhar da discussão sobre as relações entre as teorias e análises que o delimitam, postas no centro do viver de quem assume uma perspectiva para olhar o mundo, ou, antes, para forjar um olhar capaz de ver um mundo. Nesses termos, os autores retomam a palavra de ordem que tanto caracterizou a entrada no século XXI: *um outro mundo é possível*, como se dizia a partir da primeira edição do Fórum Social Mundial (2001, Porto Alegre, Brasil), quando vicejavam movimentos de construção social estribados na partilha das experiências de ser. Nos termos dos autores, outros mundos são sempre possíveis, e não há teoria capaz de abordar os dizeres na sua dinâmica própria, tecendo discursos, senão quando se entende que sujeitos formulam teorias e são, por elas, formulados, numa reciprocidade nada neutra, nada evidente. É sempre de labor que se trata.

O enfrentamento das diferenças e das divergências que constituem o campo dos estudos do discurso, atravessado por estudos outros, se inicia por uma defesa contundente da importância de uma posição heterodoxa frente aos quadros teóricos que fundamentam as abordagens discursivas, para que se avance em formulações teóricas substantivas sobre as dinâmicas sociais que permanentemente tecem novas relações, e prossegue por reflexões fundamentais acerca das implicações metodológicas das pesquisas e das práticas de escrita acadêmica. Entre elas, um fundamento: “cópus não são coletados, são produzidos” e o são “num tempo-espaço de devires”. Assim é que os autores fazem a proposta de cartografar, assumindo o trabalho incontornável de examinar marcas linguísticas e não linguísticas num gesto de desnaturalização de toda aplicação de protocolos. “Os conceitos devem ter vida e corpo na pesquisa e no fazer do pesquisador”, esse viajante a traçar seus caminhos

enquanto os percorre. O que não faz solitariamente, mas na produção de “decisões concertadas” que instituem coletivos de trabalho, instituintes, por sua vez, de campos nos quais subjetividades se produzem, na rede de forças dada pelos encontros... Pesquisa é movimento.

Com esse horizonte aberto, somos convidados a uma profícua divisão em capítulos que privilegia diferentes dimensões de uma pesquisa em Análise do Discurso, assumindo uma atitude sempre muito crítica (e por vezes lúdica) no diálogo com os muitos teóricos e analistas convocados nesta reflexão. Novamente, as ricas experiências de Décio e Bruno ensejam uma escrita envolvente, porque muito pertinente. Isso mesmo: pertence ao movimento que descreve.

Ressaltamos, por fim, que a organização da obra é igualmente relevante para apontar deslocamentos significativos em direção a um paradigma ético-estético-político nas abordagens discursivas dos fenômenos de linguagem, que implicam sempre a tomada de decisões frente aos conflitos que vivenciam os sujeitos das pesquisas e as instituições a que pertencem. Por essa razão, acreditamos que se trata de uma obra de referência, cuja potência está em provocar uma atitude transformadora ao deixar ao leitor o convite “faça conosco, e não faça como fazemos”.

Fátima Pessoa, de Belém
Luciana Salazar Salgado, de São Carlos
outono de 2021, segundo ano
da pandemia de COVID-19

Apresentação
ANÁLISES DO DISCURSO: DA DIVERSIDADE
DE ABORDAGENS À PERSPECTIVA QUE
DESEJAMOS PRATICAR

É sempre um risco propor a apresentação de um livro. Este risco se torna ainda maior quando o livro em questão se dirige a analistas do discurso, profissionais para os quais qualquer tentativa de antecipação ou controle do sentido é projeto dispensável. Em sua *Lógica do sentido*, Deleuze afirma: “(...) nunca digo o sentido daquilo que digo. Mas, em compensação, posso sempre tomar o sentido do que digo como objeto de uma outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido” (Deleuze 1969[2007, p. 31]). No embaraço que é apresentar um livro, essa afirmação nos soa como uma produtiva e inquietante advertência. Afinal, o sentido não é da ordem dos estados fixos, mas dos acontecimentos que se efetuam no espaço-tempo. Acolher o paradoxo que constitui a produção do sentido o libera do bom senso e do senso comum.

Se investimos na delicada tarefa de apresentar um livro, buscamos fazê-lo como uma *cartografia e(m) Análise do discurso*, dando ênfase a territórios de muitas afinidades e intercessões, ainda que pouco explicitadas até hoje. Pela produtividade do encontro desses dois campos respondem os parênteses,

possibilitando uma dupla leitura: (i) *Cartografia e AD*: porque a AD não pode deixar de explorar suas fronteiras com as ciências sociais, a cartografia cumpre a função de abrir horizontes de, tal como idealizada por G. Deleuze e F. Guattari, trocas com campos de saber variados, sob o viés de uma filosofia da diferença; (ii) *Cartografia em AD*: porque fazemos um percurso dos estudos discursivos com base em pistas deixadas pela cartografia e inventamos um itinerário nosso para revisitar a AD, o que significa dizer que não há uma única versão do projeto que denominamos AD, ou seja, são múltiplas as suas histórias. Dito de outro modo, para incluir a perspectiva da cartografia no horizonte dos estudos do discurso, foi preciso propor uma cartografia desse campo do saber, revisitando suas linhas de força e tensionando seus modos de fazer. Eis como entendemos uma Análise cartográfica do discurso.

Reconhecendo as limitações impostas ao gesto editorial de apresentar uma obra, o projeto que nos move na composição deste livro são vários, cultivados em alguns lances de nossa parceria e atuação profissional, que passamos a compartilhar com o leitor, para que este possa, por sua própria conta, julgar se os resultados conferem algum sentido ao que nos movimenta em direção à escrita.

De saída, é preciso dizer que este livro representa, para nós, uma necessidade. Precisávamos reunir aqui autores que temos lido, conceitos e definições que temos considerado imprescindíveis no trabalho de pesquisa e de orientação, trajetórias que temos recontado e projetos de interlocução que temos buscado alcançar. Trata-se de uma necessidade que vem se renovando frequentemente em nossa atuação na formação de professores e na pós-graduação. A cada ano, a chegada de novos orientandos ao grupo de pesquisa requer uma nova apresentação do percurso que temos realizado para propor o quadro teórico a partir do qual observamos as práticas em investigação. Sem dúvida, essa necessidade produz efeitos muito potentes: não raras

foram as vezes em que bolsistas de Graduação se autorizaram situar um aspecto ou recuperar uma leitura para um colega doutorando recém-chegado ao grupo. Eis um interessante efeito de tomada da palavra – uma palavra cortante, que atravessa as pretensas hierarquias. Consideramos que tal gesto produz um efeito potente justamente por dar corpo às referências sobre as quais teorizamos. No entanto, esses gestos cortantes e efeitos potentes não nos dispensavam completamente de nossa tarefa: retomar os lances que nos possibilitaram chegar ao estado atual de nossas reflexões, dirigindo-o aos estudantes que iniciam suas pesquisas em AD.

Quem pratica qual AD? Esta é a primeira questão que nos dispomos a sustentar, neste livro. Uma questão cuja atualidade se mostra renovada neste momento em que muitas práticas científicas interrogam seus limites e buscam evidenciar suas articulações para além das fronteiras disciplinares estabelecidas. Um gesto que se sustenta não apenas no plano da reflexão proposta por autores do campo, mas especialmente na interlocução manifestada por profissionais das áreas da saúde e das ciências sociais, que nos levaram a aulas, defesas de trabalhos de pós-graduação, eventos, minicursos, entre outros dispositivos de exposição e debate. Nesse contexto, é preciso observar, entre outros aspectos, a circulação da palavra “discurso” no senso comum como um indicador das forças reativas de aprisionamento das práticas de linguagem que insistem na doxa ocidental. Trata-se de forças tão impregnadas no pensamento que chegam a simular cientificidade, quando interrogam uma falsa ausência de metodologia por parte da AD. Frente a isso, remontar aos primórdios da AD, afirmar sua diversidade atual e renovar o questionamento do impossível divórcio entre teoria e prática em qualquer investimento científico, ainda que se pretenda insistir nele, são gestos que nos animam, aproximando-nos de trajetórias relevantes no campo das ciências sociais, da filosofia da diferença, da psicologia social, entre outros

territórios disciplinares com os quais compartilhamos alguns princípios: i) a dimensão do coletivo não se reparte à dicotomia individual/social; ii) a heterogeneidade não pode ser subsumida ao uno; iii) a linguagem se constitui como plano de produção indissociável da dimensão institucional e subjetiva das práticas.

Como se vê, liberar as práticas discursivas das forças reativas que as aprisionam é empreendimento que mobiliza profissionais de diferentes especialidades e os colocam em alianças com atores sociais em diferentes espaços de atuação. Com base nesse projeto, investimento em um duplo movimento: de um lado, interrogar os limites de tudo o que reivindica o rótulo “análise do discurso” e, de outro, afirmar alianças conceituais que ultrapassam as fronteiras das disciplinas, especialmente em direção a uma filosofia da diferença e a uma perspectiva cartográfica de investigação.

A lição deixada por M. Foucault no prefácio à tradução para a língua inglesa do *Anti-Édipo* se torna, neste contexto, uma diretriz a ser perseguida em direção a uma vida (acadêmica, inclusive) não fascista:

Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse apenas pura especulação. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política. (Foucault 1977[s/d, pp. 3-4])

É a indissociabilidade entre teoria e prática como prática teórica e teorização que supõe um modo de estar no mundo o que está em jogo para nós. Assim, podemos dizer ainda que este é um livro que busca recompor nossa própria chegada ao campo de estudos do discurso. E mais um elemento se agrega ao percurso proposto: cada um de nós fez suas incursões em

momentos distintos, o que significa dizer que ingressamos em um campo que, a cada vez, se colocava questões e impasses diferentes. Por essa razão, nos pareceu relevante escavar as referências que remetem aos primórdios da AD e ver neles modos de colocar questões que permanecem atuais: o trabalho sobre a materialidade, a constituição de um quadro teórico de vocação interdisciplinar, a resistência às fronteiras disciplinares no tratamento de domínios da linguagem, do social e do sujeito. Afinal, se, na virada do século XIX para o XX, a proposição de territórios disciplinares muito bem definidos se mostrava incontornável, não vemos qualquer necessidade de continuar respondendo a tal imperativo. De nosso ponto de vista, analistas do discurso expressam um modo de habitar o terreno das ciências sociais. E este, como se poderá ver em vários momentos deste livro, não é um gesto inventado por nós. Em toda a trajetória da AD sempre compareceram esses gestos de ultrapassagem. Destacamos particularmente o modo como J. J. Courtine propõe encaminhamentos muito concretos em sua prática de análise a partir da filosofia foucaultiana, assim como Marandin o faz, tomando como referência reflexões deleuzianas.

Há, como se poderá ver, não apenas um relato do que temos feito. Há uma nova mirada do campo, a partir das problematizações que temos nos colocado, considerando especialmente relevante o contato com a perspectiva da cartografia e o paradigma ético-estético-político, formulado a partir da filosofia da diferença. Desejamos, assim, que essa retomada faça sentido não apenas para pesquisadores iniciantes, mas também para aqueles que já habitam o território dos discursos há mais tempo e que podem se ver diante de um percurso de retomada e da exposição de articulações que se atualizam em busca de diálogo com questões atuais. Esse é também um trabalho que submetemos à crítica dos que nos leem.

Antes de concluir esta Apresentação, algumas poucas observações acerca de opções que fazemos na composição

do livro. Primeiramente, o modo como lidamos com os textos escritos originalmente em língua estrangeira – textos majoritariamente vindos do francês – e que foram por nós traduzidos. Em tais casos, é bastante regular manter-se em rodapé o texto na língua original, de modo que o leitor possa ter facilmente acesso à formulação literal do autor citado, mas essa seria uma opção que multiplicaria – e não sem alguma redundância – o número de páginas, o que nos pareceu constituir mais um problema do que uma solução. O acesso aos textos originais poderá ser franqueado, quando necessário, com base nas referências indicadas a cada caso. Acrescentamos que, mesmo quando uma tradução já era disponível em português, fizemos por vezes observações visando ora corrigir o que, a nosso ver, não correspondia exatamente ao original, ora inserir um detalhe que tornava o texto mais claro.

Um outro procedimento adotado diz respeito ao tratamento conferido ao texto das tirinhas que aqui utilizamos, tendo-se optado pela reprodução dos textos verbais e por uma descrição tão completa quanto possível do pictórico que interfere na compreensão das cenas, se justifica por razões de direitos autorais. Talvez conseguíssemos autorização para a utilização de algumas delas, mas muito dificilmente de todas, e mesmo assim num espaço de tempo que poderia atrasar a publicação do livro.

Um terceiro procedimento a ser explicitado refere-se ao sistema de referência às datas das obras consultadas. Plenamente concordantes com o padrão indicado pela Mercado de Letras, vimos trabalhando em nossas publicações com um duplo sistema de datação: por um lado, o ano da primeira publicação de uma obra; por outro, o ano referente à edição consultada. Não nos interessa apenas registrar, por exemplo, que trabalhamos com uma edição de Descartes de 2001, sem registrar igualmente quando a obra foi lançada. Por isso, para nos referirmos ao *Discurso sobre o Método*, registraremos, ao lado do nome do autor, primeiramente o ano de lançamento da obra e, entre colchetes, o

ano da edição trabalhada, seguido, se for o caso, da(s) página(s) referente(s) ao trecho transcrito: Descartes 1637[2001, p. x].

A disposição dos nomes dos autores segue rigorosamente a ordem alfabética (seja do nome, seja do sobrenome). Em outras palavras, não há como perguntar sobre autor principal e segundo autor, isto é, sobre quem deu uma maior ou menor contribuição à composição do livro, e se dispomos nossos nomes em sequência, isto se deve a algo que Saussure já ensinava em seus cursos como um dos princípios do signo linguístico: o caráter linear do significante. Com efeito, diferentemente dos significantes visuais, o significante verbal, de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo numa só dimensão, o que implica que seus elementos se apresentem um após o outro, em especial “quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos” (Saussure 1916[2006, p. 84]). Para o autor, esse é um princípio evidente que, se em algum momento foi negligenciado, é porque se trata de um traço extremamente simples. Tão simples que, com frequência, linguistas ligados aos órgãos de fomento à pesquisa acabam esquecendo! Ou não esquecem, mas agem como se esse fosse o caso, em nome de um ingênuo apego às classificações hierarquizantes que julgam constitutivas do fazer científico.

Dissemos que o exercício de escritura deste livro foi um desafio. Na verdade, o desafio não está superado, mas permanece – e mesmo se intensifica – com a publicação da obra, já que agora nos confrontamos com o olhar desse outro que é o leitor. O que não faz senão requalificar o que aqui nos desafia: submeter aos mais diferentes afetos nossas experiências teóricas e de análise em AD, sistematizando leituras de base sociológica, psicológica, filosófica – na certeza de que não somos nem sociólogos, psicólogos ou filósofos, mas que uma incursão no território do discurso exige um posicionamento certo em todos esses campos. Um esforço praticado no sentido de obter efeitos de diferentes ordens: por um lado, um quadro daquilo que vimos pensando

como profissionais atuando na área dos estudos da linguagem e que o cotidiano agitado de nossas vidas na universidade nunca permitiu sistematizar; por outro, a exposição de um certo ideal de relações arejadas entre nós – professores, orientandos, demais alunos. Por isso, dizemos ser preciso não separar nossas convicções em AD e nossos projetos de vida. Não queremos alimentar uma teorização assentada em princípios dialógicos que não se reflitam em nossas interlocuções. É justamente nos interstícios que se produzem entre o que dizemos e o que somos (ou que vamos nos tornando) que se infiltram os pequenos gestos de fascismo que, com o tempo, inviabilizam uma vida digna no planeta. O que se quer, então, é preparar um tempo que, se não for capaz de excluir toda e qualquer forma de opressão, pelo menos será suficientemente potente para tornar vergonhosas certas posturas de arbitrariedades e autoritarismos na vida, ao buscarmos promover dispositivos que possam favorecer a colaboração ativa e coletiva de liberação do pensamento e da ação.

Bruno Deusdará
Décio Rocha

Referências

- DELEUZE, Gilles (1969[2007]). *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel (1977). “Preface”, in: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix *Anti-Oedípus: Capitalism and Schizophrenia*. Nova York: Viking Press, pp. XI-XIV. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>. Acesso em: 01/02/2021.